

Relatório do Núcleo de Investigação Correlação Escrita-Fala (NICEF) – 2014

O presente relatório reúne as actividades que incidem no estudo da escrita desenvolvidas por todos os elementos do grupo no âmbito do projecto EFFE e fora dele.

O projecto EFFE- *Escreves como falas – falas como escreves* ao longo do ano 2014 avançou em várias frentes, como a seguir se descreve.

Em primeiro lugar, avançou em termos de tratamento dos dados da 1ª fase de recolha na escola C1 – dados de fala e de escrita de duas turmas do 2º ano de escolaridade de Lisboa:

- Transcrição fonética das restantes entrevistas (Isabel Alves, no âmbito do estágio trimestral de licenciatura orientado por Celeste Rodrigues), revisão da classificação dos dados de escrita na BD e classificação de novos dados (Maria do Carmo Lourenço-Gomes), tratamento e análise linguística dos dados (Celeste Rodrigues e Maria do Carmo Lourenço-Gomes).

Em segundo lugar, avançou com a implementação de uma segunda fase de recolha de dados de escrita no C1:

- com as crianças das mesmas turmas anteriormente inquiridas, agora a frequentar o 4º ano de escolaridade (Isabel Alves). Foi utilizada uma nova *história da bruxinha* (Furnari, Eva – ‘O Telefone’) para suscitar o texto narrativo original e as mesmas imagens anteriormente descritas por cada criança para suscitar um novo texto descritivo espontâneo (Imagens criadas para suscitar palavras para avaliação fonológica por Yavas, Hernandorena & Lamprecht, 1991, adaptadas para o PE por Guerreiro, 2007 e que permitiram ainda a evocação de mais treze palavras consideradas relevantes pela nossa equipa). Foram obtidas duas composições por criança, num total de cerca de cem textos. Deste modo poderemos a partir daqui avaliar a evolução dos diversos tipos de FN-C em cada criança (Celeste Rodrigues) – o que permitirá desenhar estratégias adequadas para solução de problemas habituais das crianças ainda encontrados no 4º ano (Maria do Carmo Lourenço-Gomes), apesar de serem FN-Cs habitualmente designadas como de rápida erradicação (as que estão correlacionadas com a fala).

Em terceiro lugar, avançou com a submissão formal do projecto na *Fundação Calouste Gulbenkian* (projº nº 134709) com o intuito de obter financiamento para a ampliação da recolha e compra do equipamento necessário para a avaliação *on-line* da escrita (Maria do Carmo Lourenço-Gomes, Celeste Rodrigues e Isabel Alves). Como o resultado não foi favorável, foi estudada e avaliada a possibilidade de submissão de uma nova proposta de projecto, em colaboração com colegas da Universidade de São Paulo (Brasil), para obtenção de dados recolhidos com idêntica metodologia em Portugal e no Brasil – Estado de São Paulo. Esta segunda proposta acabou por não poder avançar, devido ao facto de não termos conseguido reunir a equipa necessária da parte portuguesa do projecto para a realização de todas as tarefas previstas em tempo oportuno (Maria do Carmo Lourenço-Gomes e Celeste Rodrigues).

Em quarto lugar, avançou na preparação da 3ª fase de recolha de dados: numa escola do Porto a levar a cabo em Janeiro de 2015. Foi repensada e aperfeiçoada a metodologia de modo a obter dados de fala e de escrita, comparáveis com os obtidos em Lisboa nas turmas de 2º ano (Isabel Alves). O objectivo desta recolha é o de poder estudar o impacto de um dialecto falado diferente do português padrão no processo de aprendizagem da ortografia do português. As FN-Cs relacionadas com a fala continuam a ser o principal alvo da equipa do EFFE.

Em quinto lugar, a equipa do EFFE investigou quais seriam as melhores técnicas de recolha de escrita *on-line* com vista à sua inclusão numa futura fase de recolha de dados (Maria do Carmo Lourenço-Gomes e Celeste Rodrigues), tendo concluído pela escolha da placa gráfica *Intuos* e a *Ink pen*). Foi avaliado ainda qual deveria ser o *software* apropriado ao estudo do tempo de reacção à redacção e da força do impacto do traçado da letra desenhada.

Em sexto lugar o EFFE difundiu os resultados do seu trabalho por intermédio da apresentação de comunicações e pósteres:

Lourenço-Gomes, M. C, Rodrigues, C. e Alves, I. 2014: '*Falare, ler e screvé: Plano de estudo de escrita e fala do 2º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico*', VII Encontro de Língua Portuguesa nos primeiros anos de escolaridade: Investigação e boas práticas, Escola Superior de Educação de Lisboa, 27 de Junho de 2014 [comunicação oral e póster].

Lourenço-Gomes, M. C e Rodrigues, C. 2014: 'O que há por detrás das palavras que as crianças escrevem?', 3º Colóquio sobre Leitura: Processos de Leitura e Perturbações, FL, 4-5 Dezembro 2014.

E pela escrita de artigos em revistas:

Lourenço-Gomes, M. C., Rodrigues, C. e Alves, I. (aceite para publicação em Dezembro 2014): 'EFFE-Escreves como falas – falas como escreves?', *Revue Romane, John Benjamins*.

Algumas das tarefas desenvolvidas só foram possíveis graças à existência do estágio de licenciatura (3 meses) no âmbito deste projecto (no CLUL) da aluna Isabel Alves (nomeadamente a preparação e execução da 2ª fase de recolha no C1 e a conclusão das transcrições do material gravado na 1ª fase no C1 e a preparação da 3ª fase de recolha na escola do Porto).

A equipa do EFFE, como era seu objectivo e foi possível mostrar nas comunicações e artigos desenvolvidos ao longo de 2014, pôde chegar a um conjunto de conclusões relativas à correlação escrita-fala das quais aqui sumariamente se dá conta.

Resumo das conclusões do EFFE

1. Os dados do 2º ano de escolaridade permitem detectar muitos tipos de formas não-convencionais (FN-C), mas nem todos os tipos de FN-C são igualmente importantes e frequentes para o desenvolvimento completo do sistema de escrita da criança. Há FN-Cs com relação com a fala da criança (em que tipicamente cada pronúncia gera um FN-C diferente) e muitas outras com relação com o diminuto conhecimento ortográfico da

criança (casos das múltiplas grafias para um determinado som, por exemplo). Naturalmente, estes tipos de FN-C são os que mais nos interessa explorar, mas não os únicos existentes. As FN-Cs que se relacionam exclusivamente com as convenções ortográficas da língua são abundantes e carecem de memorização por parte da criança. As FN-Cs que estão associadas ao grau de complexidade silábica e ao grau de complexidade da palavra como um todo são igualmente muito frequentes nos dados (contrariando a suposição instalada de que as crianças neste nível de aprendizagem não utilizariam espontaneamente na escrita palavras de grande complexidade). Os dois primeiros tipos referidos atrás permitem avaliar cada criança quanto ao nível de desenvolvimento do sistema ortográfico e, se houver uma intervenção atempada e adequada a cada criança por parte do professor, podem ser rapidamente ultrapassadas. Apesar disso, como os dados obtidos das mesmas crianças a frequentar o 4º ano de escolaridade podem demonstrar, essas FN-Cs estão longe de desaparecer nesse nível de ensino – o que leva a concluir que só uma intervenção dirigida e atempada pode conduzir a taxa de acerto aceitável para essa faixa etária/nível de ensino.

2. Diversas formas não-convencionais (FN-C) dos tipos que muitos autores dizem estar relacionadas com a representação fonológica não estão relacionadas com o conhecimento fonológico directamente, mas sim com a forma fonética presente na fala das crianças observadas; ou seja, podem ter mais relação com o seu conhecimento da variedade linguística falada do que relação com o seu conhecimento fonológico. Isso leva-nos à indagação da eventual importância da variedade linguística falada para o desempenho na escrita nas primeiras fases de aprendizagem da escrita.
3. Certas esperáveis FN-Cs não ocorrem com a frequência prevista, o que leva a crer que existam razões não fonético-fonológicas que expliquem a ausência de certos tipos de erros; por exemplo, raramente surgem FN-Cs em posição final em palavras como *carro*, com vogal átona /o/ [u] – o que indica que razões de natureza lexical e ortográfica intervenham precocemente.

No âmbito da sua tese de Mestrado (em andamento), Ana Sousa avançou no tratamento e na análise global das segmentações não-convencionais, tendo a possibilidade de identificar o comportamento mais frequente de crianças portuguesas do 1º e 2º anos de uma outra escola de Lisboa. Os dados de Sousa foram obtidos em 2013 numa escola particular da região de Lisboa, C2.

O seu trabalho foi divulgado por intermédio de uma comunicação e póster:

Sousa, A. 2014: 'Segmentação não convencional na escrita de crianças do primeiro e segundos anos de escolaridade: dados do Português Europeu', *3º Colóquio sobre Leitura: Processos de Leitura e Perturbações*, FL, 4-5 Dezembro 2014.

As principais conclusões desse trabalho indicam que a hiposegmentação é mais frequente do que a hipersegmentação, o que está em consonância com o observado na literatura, e que a segmentação não convencional é naturalmente mais produtiva no 2º ano do que no 1º, tendo em conta o volume de texto produzido, mas menos frequente proporcionalmente. Os valores

registados de hipossegmentação situam-se nas três tarefas observadas entre 60 e 85% no 1º ano de escolaridade, ao passo que no 2º ano oscilam entre 60 e 70%. Os valores de hipersegmentação variam nas três tarefas entre 0 e 40% no 1º ano e entre 30 e 40% no 2º ano de escolaridade, mostrando que as crianças têm cada vez maior sensibilidade às questões ortográficas, apesar de errarem mais no ano mais avançado.

O trabalho de Elisabeta Mariotto ao longo de 2014 culminou com a apresentação da respectiva Tese de Mestrado, orientada por Maria do Carmo Lourenço-Gomes e Catarina Gaspar:

Mariotto, Elisabeta 2014: *Processamento da Concordância de Género por Aprendentes de Português como Língua Estrangeira: Evidências de um estudo de leitura automonitorada*, Tese de Mestrado em Língua e Cultura Portuguesas, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Segundo as observações finais deste trabalho:

“Este estudo teve como objetivo examinar a sensibilidade à violação da concordância de género entre nome [+animado/-animado] e adjetivo em posição predicativa em falantes nativos do inglês, aprendentes do português como LE, com nível de proficiência intermediário (B1). Para o efeito, foi realizado um teste experimental de compreensão de leitura, em que foram manipuladas a animacidade do nome ([+animado/-animado]) e a congruência da concordância entre este e o adjetivo (congruente/não congruente). A amostra foi constituída por um grupo de falantes de inglês, aprendentes do português como LE, com nível B1 de proficiência (PLE, grupo experimental) e um grupo de falantes nativos de português (FN, grupo de controlo). O teste experimental foi elaborado de modo a obter-se dois tipos de medidas: para a medida *on-line*, era solicitado aos participantes que lessem as frases, registando-se os seus tempos de reação aos segmentos críticos nesta tarefa. Para a medida *off-line*, utilizou-se o julgamento de aceitabilidade, em que os participantes deveriam julgar se as sentenças que acabaram de ler estavam bem formadas ou não, registando-se suas respostas e os tempos despendidos nesta tarefa. Os resultados mostraram o seguinte:

(1) Quanto à medida *off-line*, o grupo FN apresentou uma taxa total de erros muito inferior à do grupo PLE, como previsto. Com relação ao fator “animacidade”, ao contrário do que foi anteriormente suposto, este fator não exerceu influência significativa sobre a taxa de erros dos participantes de ambos os grupos, pois o total de erros nas frases em que os nomes eram [+animado] foi muito semelhante ao total de erros em que os nomes eram [-animado]. Com relação à “congruência”, o grupo PLE cometeu mais erros quando a sentença era incongruente do que quando era congruente, o que sugere que são capazes de identificar quando a frase está bem formada, mas em menor proporção quando a frase está mal formada. Para o grupo FN, a taxa de erros não foi afetada pelo fator congruência, como era esperado. A taxa de erros tanto nas sentenças incongruentes como nas congruentes foi muito baixa, embora tenha sido observada uma taxa ligeiramente mais alta, sem significância estatística, quando a sentença era congruente do que quando era incongruente.

(2) Quanto à medida *on-line*, os resultados demonstraram que os tempos de resposta do grupo PLE são sempre superiores aos do grupo FN. O primeiro revelou baixa sensibilidade às condições experimentais, pois nem o fator animacidade nem o fator congruência afetaram os tempos de leitura significativamente. O grupo controlo não apresentou diferença significativa para o fator animacidade,

mas revelou sensibilidade para o fator congruência, levando mais tempo para responder quando as sentenças apresentam incongruência. Os tempos de reação do grupo controlo, por sua vez, foram maiores no segmento crítico quando as sentenças eram incongruentes e menores no segmento pós-crítico nesta mesma condição.

Quanto à resposta de final de frase, o tempo despendido para o julgamento de aceitabilidade das frases foi praticamente igual para os dois grupos, sugerindo que este desempenho final pode não ser totalmente dependente do custo de processamento associado a pontos prévios, como críticos e pós-críticos, durante o processamento. Observou-se que o grupo FN apresentou um padrão estável em pontos prévios e também subsequentes ao segmento crítico. O grupo PLE, por outro lado, apresenta um padrão relativamente estável e semelhante ao grupo FN somente até a região do verbo, manifestando, após a leitura do segmento crítico, um custo de processamento relativamente crescente e mais acentuado na última região da sentença. Isto sugere que talvez a tomada de decisão estivesse sendo feita neste ponto, uma vez que logo em seguida, na região da resposta, o tempo de decisão decrescia acentuadamente, aproximando-se da média de tempo dos falantes nativos.

Estes dados reafirmaram nossas considerações a respeito a pouca acurácia das medidas *off-line*, pois estas podem não capturar fielmente a realidade psicológica das operações mentais que estão ocorrendo enquanto o participante está sendo exposto ao estímulo, ou seja momento a momento (cf. Maia, a aparecer). Em outros termos, as análises que associam medidas *on-line* e a *off-line* são importantes porque refletem momentos distintos do processamento e, portanto, permitem uma interpretação mais apurada do que ocorre em cada momento do processo. Assim, tal como defendemos neste trabalho, e como tem sido mencionado em diferentes partes, os estudos sobre a aprendizagem de língua estrangeira devem incorporar medidas mais refinadas que, por conseguinte, poderão contribuir para a elaboração de estratégias pedagógicas e de avaliação também mais refinadas.” (pp. 69-70).

Em função do trabalho já desenvolvido e de todas as recolhas de material empreendidas, torna-se fundamental centrar o trabalho da equipa do EFFE no tratamento e análise linguística do material existente (2ª e 4ª anos do C1) e do material a recolher no Porto (C3). A par disso, importa incorporar o tratamento dos dados de C2 que não se relacionam com a segmentação na base de dados de escrita do EFFE. Isso levará certamente à escrita de novos trabalhos por parte de membros da equipa do NICEF. Uma terceira vertente na qual se prevê a difusão do trabalho é na constituição de uma corpus de escrita para disponibilizar à comunidade científica no âmbito do CLUL, em moldes ainda em estudo.

Referências

Furnari, Eva, 1991: *Bruxinha Atrapalhada*, 11ª ed. SP: Global.

Guerreiro, H. W. Z. M. R. 2007: *Processos fonológicos na fala da criança de cinco anos*. Tese de Mestrado em Ciência da Fala, Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Católica Portuguesa-Escola Superior de Saúde do Alcoitão da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa.

Lourenço-Gomes, M. C., Rodrigues, C. e Alves, I. (aceite para publicação em Dezembro 2014): 'EFFE-Escreves como falas – falas como escreves?', *Revue Romane, John Benjamins*.

Lourenço-Gomes, M. C, Rodrigues, C. e Alves, I. 2014: '*Falare, ler e screvé*: Plano de estudo de escrita e fala do 2º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico', *VII Encontro de Língua Portuguesa nos primeiros anos de escolaridade: Investigação e boas práticas*, Escola Superior de Educação de Lisboa, 27 de Junho de 2014 [comunicação oral e póster].

Lourenço-Gomes, M. C e Rodrigues, C. 2014: 'O que há por detrás das palavras que as crianças escrevem?', *3º Colóquio sobre Leitura: Processos de Leitura e Perturbações*, FL, 4-5 Dezembro 2014 [comunicação oral].

Mariotto, Elisabeta 2014: *Processamento da Concordância de Género por Aprendentes de Português como Língua Estrangeira: Evidências de um estudo de leitura automonitorada*, Tese de Mestrado em Língua e Cultura Portuguesas, Faculdade de letras da Universidade de Lisboa.

Sousa, A. 2014: 'Segmentação não convencional na escrita de crianças do primeiro e segundos anos de escolaridade: dados do Português Europeu', *3º Colóquio sobre Leitura: Processos de Leitura e Perturbações*, FL, 4-5 Dezembro 2014.

Yavas, M., Hernandorena, C. L. M. e Lamprecht, R. R. 1991: *Avaliação fonológica da criança*. Artes Médicas, Porto Alegre.

Celeste Rodrigues (celesterodrigues@campus.ul.pt)
Maria do Carmo Lourenço-Gomes (mclgomes@yahoo.com)
Isabel Alves (alveisabel@campus.ul.pt)
Ana Sousa (sousa.anafilipa@hotmail.com)